



Incomunicação Social: O Silêncio da Pluralidade Negada¹

Zoraia Nunes Dutra Ferreira²

Universidade Federal do Ceará, Ceará, CE

RESUMO

Denominações como “sociedade da informação”, “sociedade da comunicação”, “sociedade em rede” ligam diretamente a sociedade contemporânea à comunicação. Principalmente após o surgimento das novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC’s), a promessa é de total conexão da “aldeia global”. Nos propomos, no entanto, a olhar para o lado da tecnologia que, através dos excessos, estilhaça vínculos e com isso favorece o reverso da comunicação, a incomunicação. Esse fenômeno também pode ser pensado como fruto de uma representação estereotipada e, portanto, redutora que a mídia constrói de alguns espaços sociais como, por exemplo, a periferia. Para exemplificar tal visão analisamos notícias veiculadas nos dois grandes jornais de Fortaleza, O Povo e Diário do Nordeste sobre do bairro Ellery, localizado na periferia de Fortaleza.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Incomunicação; Tecnologias; Mídia

Introdução

“Sociedade da Comunicação”, “Sociedade da Informação”, “Sociedade em Rede”, todas essas são alcunhas pelas quais responde a sociedade contemporânea e todas explicitam a importância e a influência das tecnologias - sejam os meios de comunicação de massa ou as novas tecnologias da comunicação e da informação (TICs) – na vida social.

A técnica traz promessas de maior interação, de conexão total da “aldeia global”, de comunicação irrestrita e de resolução mágica de todos os nossos problemas. Não negamos as muitas possibilidades que surgem, principalmente através das TICs, de participação popular, fortalecimento do exercício da democracia e de alternativa para a hegemonia da mídia comercial, no entanto, discutimos no presente artigo um outro lado da tecnologia, aquele que fragmenta e dilui laços e vínculos.

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Graduada em Comunicação. Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). zoraia.bk@gmail.com



Trabalhamos aqui com a idéia de que a comunicação é movimento de interação, processo, encontro de intencionalidades, experiência vivida, vínculos, compartilhamento de tempo e espaço, logo não se restringe aos meios e nem às técnicas. A partir desse entendimento do processo comunicativo, nos questionamos se ao invés de favorecer a comunicação, as tantas tecnologias não seriam responsáveis por dar vida ao seu reverso, a incomunicação. Os excessos de imagens e informação terminam por nos deixar cegos, surdos e mudos? Criamos um “Frankenstein tecnológico” que se voltou contra nós?

A visão tecnicista, herdeira do pensamento cartesiano e fruto da modernidade, influência de maneira decisiva, idéias, escolhas e modos de vida. Usando o termo de Max Weber, causa um verdadeiro “desencantamento” do mundo e a comunicação não é poupada disso. Discutimos ainda a “invenção” da comunicação pela modernidade e o quanto ela se tornou algo apartado de nós.

O cenário de ode à técnica e de excessos de informação parece extremamente propício para incomunicação, que de acordo com Baitello Júnior (2005) é a irmã gêmea da comunicação. Entretanto, não são apenas os excessos os responsáveis pela incomunicabilidade. Veremos que ela também é resultante do fenômeno de desigualdades sociais e de pré-conceitos arraigados e reforçados pelas estruturas de poder. A grande mídia cria zonas de silêncio, de invisibilidade, nas quais a pluralidade social e cultural é negada. A abordagem da periferia é um exemplo disso. Sempre retratada como lugar de violência e/ou de carência, se transforma em uma dessas zonas de silêncio.

Neste artigo, optamos metodologicamente pelo estudo de caso e analisaremos notícias veiculadas pelos jornais O Povo e Diário do Nordeste, os dois maiores jornais do Estado de Ceará, a respeito do bairro Ellery, localizado na periferia de Fortaleza. Nos detemos em notícias veiculadas nos anos de 2009 e 2010. Através dessa análise poderemos perceber um determinado foco de visibilidade, que evidentemente invisibiliza um cenário mais amplo e com isso promove a incomunicação.

Explicitamos que este artigo é um primeiro momento de reflexão sobre representações da periferia, tema central de projeto de mestrado iniciado em 2010.1 na Universidade Federal do Ceará (UFC). Intencionamos discutir na dissertação, além da representação da mídia comercial, a representação que o *site* do bairro Ellery, mídia alternativa local, constrói desse espaço social e por fim, através de pesquisa etnográfica,



compreender a representação que a própria comunidade constrói de si e identificar que as aproximações e distanciamentos há com relação a essas duas outras representações (da mídia comercial e do *site*).

1. Sociedade da Comunicação?

A sociedade contemporânea responde também pela alcunha de “sociedade da comunicação” explicitando, assim, a importância adquirida pela comunicação e o grau de influência desta no contexto das relações sociais. Parte integrante de todas as sociedades desde as mais remotas épocas, a comunicação sempre teve papel de importância na vida social, porém, com o processo de desenvolvimento da mídia de massa essa importância vem se tornando cada vez maior, chegando a ponto de não mais se poder imaginar a vida sem ela. Um dos motivos para isso reside no fato de que “a produção e circulação das mensagens na sociedade atual é extremamente dependente das atividades das indústrias da mídia”. (ALEXANDRE, 2001, p. 5), sendo que “a imprensa e a televisão são a principal fonte de informação para expressiva camada da população”. (FERNANDES, 2001, p. 2).

A mídia se entranhou de tal forma no cotidiano que, como diz Debord (1997), se tornou uma “segunda natureza”. De acordo com Thompson (1998, p. 137) “as redes de comunicação foram organizadas sistematicamente em escala global” no século XIX, mas este processo é tipicamente um fenômeno do século XX, “pois foi durante este século que o fluxo de comunicação e informação em escala global se tornou uma característica regular e penetrante da vida social”. (THOMPSON, 1998, p. 143). “O desenvolvimento dos meios de comunicação – desde as mais remotas formas de impressão até os mais recentes tipos de comunicação eletrônica – foi parte integral do surgimento das sociedades modernas” (THOMPSON, 1998, p. 12), o que faz com que esse desenvolvimento venha “entrelaçado de modo fundamental com as principais transformações institucionais que modelaram o mundo moderno”. (THOMPSON, 1998, p. 9).

Os meios de comunicação surgiram “como um novo campo de feitos tecnológicos, sociais e culturais orientados na direção do mercado, ou seja, como nova forma de organização da produção, da circulação e do consumo cultural”, quadro que marcou o século XX como “a era das comunicações massivas” (VIZER, 2008, p. 24).



As novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs), vedete que atraiu todos os olhares no início da década de 1990, causaram uma verdadeira revolução na “sociedade da comunicação”. Esta se tornou, fazendo uso do termo cunhado por Manuel Castells (1999), uma “sociedade em rede”. Uma das características dessa sociedade é “uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado” (CASTELLS, 1999, p. 17). A grande Rede conecta todos, altera de forma definitiva a relação espaço-tempo e traz consigo o anúncio de uma ampla e irrestrita comunicação. “Todo mundo, ou quase, vê tudo, sabe tudo sobre o mundo” (WOLTON, 2006, p. 9).

No caso do Brasil, afirmar que a WEB permite que todos estejam conectados e experimentem o que o mundo virtual oferece, ainda é, no mínimo, uma afirmação ingenuamente otimista. O par exclusão social/exclusão digital, apesar dos muitos projetos governamentais de inclusão digital, continua presente. De acordo com Santos (2009, p. 26), o mapa da exclusão digital no Brasil, publicado em 2003 pela Fundação Getúlio Vargas, apresenta uma média nacional de acesso a computadores no país de 12%, sendo que desses, apenas 8% acessam a Internet. No Nordeste, a situação se agrava ainda mais. 569 municípios da Região não têm sequer estrutura local para acesso à Rede. A luta contra o “*apartheid* tecnológico” (SANTOS, 2009) parece ter ainda muitos *rounds* pela frente.

Não há como negar a onipresença da mídia na sociedade contemporânea e a revolução causada pelas TICs, mas foi realmente, o processo comunicacional, beneficiado? Para Fausto Neto (1976, p. 88), é um equívoco achar que a onipresença dos meios de informação de massa poderá fazer com que mensagens sejam compreendidas. É importante atentar que o autor não faz uso do termo meios de *comunicação* de massa e sim de meios de *informação* de massa. Essa diferenciação é importante para se pensar a comunicação mediada pelas tecnologias.

2. O “Frankenstein Tecnológico”

No cerne dos debates em torno da influência cada vez maior dos meios de comunicação de massa nas relações sociais, da corrida por visibilidade exacerbada com surgimento das TICs, da sociedade do espetáculo ou como considera Silva (2007), da sociedade do “hiperespetáculo”, está a discussão em torno da visão tecnicista ou



mecanicista que parece permear nosso modo de pensar, nossas ações, nossas escolhas e modos de vida.

Tal visão influencia, também, de acordo com Contrera (2007, p. 1-2), os estudos da comunicação. A autora, a partir da obra de Max Weber, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, identifica um atual estado de desencantamento da comunicação devido, principalmente, à incidência do modelo científico cartesiano, o que tem causado uma profunda crise nos processos de significação e colocado “do avesso os sentidos partilhados e as comunicações que a partir deles se constroem”.

Vive-se uma verdadeira ode à técnica que para tudo promete uma solução mágica, inclusive para a comunicação. Rüdiger (1999, p. 137), considera tal pensamento como sendo uma irracionalidade causada pelo racionalismo. “Na modernidade tardia, a confiança social no valor das idéias e a crença em sua realização cederam lugar ao realismo desencantado e à descrença em verdadeiros ideais” (RÜDIGER, 1999, p. 138).

França (2007, p. 46) lembra que foi só a partir da modernidade que a comunicação se tornou um problema, até então, era uma prática vivenciada de forma natural, ou seja, era algo intrínseco à vida cotidiana, misturada a ela. A modernidade opera uma quebra, um rompimento desse modelo e só então a palavra “comunicação” passa a existir, embora, a comunicação, como “processo social básico de produção e partilhamento do sentido através da materialização de formas simbólicas” sempre tenha existido (FRANÇA, 2007, p. 40).

A modernidade “inventou” a comunicação da mesma forma que “inventou” a natureza. Para as sociedades “primitivas”, por exemplo, a natureza não era vista como algo separado do homem. Nesse contexto, a natureza era algo ainda a ser inventado ou talvez melhor seria dizer que tudo era natureza. Vale atentar que a construção dos conceitos nada tem de natural. Não se dissociam das idéias e objetivos de mundo de quem os define e/ou explica.

Menezes (2005, p. 26) constata que não mais se fala de amplos vínculos comunicativos entre as pessoas. “Nos limitamos a pensar que o estudo da comunicação se restringe à análise dos meios técnicos de comunicação de massa”, reforçando, com isso, a idéia mecanicista. Continuando ainda um pouco mais nesse viés discursivo, Contrera (2007, p. 2-3) chama atenção para o fato de passar despercebida e mesmo de ser ignorada a semelhança de sentidos entre os termos comunicação e comunhão. Para a autora, a relação entre esses dois conceitos está nas “raízes da comunicação”.



[...] até fins do século XVI eram praticamente a mesma coisa, já que a visão de mundo até então vigente não dissociava de maneira tão radical o homem do ambiente em que ele vivia (e de seus outros) e foi somente a visão de mundo cartesiana/newtoniana, no século XVII, que propôs oficialmente essa dissociação, rapidamente acatada pelo nascente espírito do capitalismo (CONTRERA, 2007, p. 3).

Formatados a partir dessa visão de mundo permeada pela lógica do capital, que interfere em todas as áreas do pensamento e não apenas na economia e política, seguimos perguntando pelos “comos” e não pelos “porquês”. A comunicação tornou-se uma ferramenta a ser utilizada em prol, na grande maioria das vezes, da manutenção do *status quo*. A esfera humana e seus vínculos e relações é ignorada já que se estabelece em uma dimensão que o braço de ferro da ciência não controla, não pode subjugar. “Uma brecha até hoje irrecuperável entre o homem e o mundo (o que também podemos chamar de o Outro)” (CONTRERA, 2007, p. 8), se abriu.

Para reestabelecer o elo, construir uma ponte do homem com o mundo (agora um mundo estranho e perigoso) surge a tecnologia. Nos distanciamos, erguemos muralhas entre nós para nos protegermos dos “estranhos”, do “outro”, do diferente. Como pouco nos vemos e muito menos convivemos, precisamos criar equipamentos que possam viabilizar nossa comunicação. Entretanto, para Marcondes Filho (2004, p. 8),

[...] a sociedade da comunicação é uma sociedade em que a comunicação real vai ficando cada vez mais rara, remota, difícil e vive-se na ilusão da comunicação, na encenação de uma comunicação que, de fato, jamais se realiza em sua plenitude.

Alguns autores têm uma visão diferente a respeito das novas tecnologias e de seu potencial comunicativo. Pontos positivos como a possibilidade de participação popular, de fortalecimento do exercício da democracia e de alternativa para a hegemonia da mídia comercial, são evidenciados. Peruzzo (2008, p.13) considera que “a comunicação mediada por computador está revolucionando os processos de comunicação alternativa”. Para Schiavoni (2001, p. 1) foi a partir do surgimento dessas tecnologias que os conhecimentos produzidos pela sociedade puderam se tornar, realmente, um bem comum. Esse processo de democratização das informações é relevante, segundo Coelho e Julião (2002, p. 5), porque “funciona como instrumento de pressão sobre governos e auxilia na conscientização da sociedade”.



Peruzzo (2004, p. 8) considera, ainda, que “com o desenvolvimento das tecnologias digitais, cada vez mais se potencializa o acesso do cidadão ao poder de comunicar, claro que uma vez reduzidas as desigualdades de renda, de educação e de acesso a Internet”. Para Souza (2006, p. 10), ficou evidente o fato de que com a Internet “os movimentos sociais mostraram que podem lançar questionamentos nunca antes apresentados ao capitalismo global”. O ciberespaço tornou-se “um novo ambiente para se exercitar a cidadania comunicacional, facilitado pelas possibilidades oferecidas pela interatividade, pelo intertexto e pela comunicação de todos com todos”. (PERUZZO, 2004, p. 8).

Se, por outro lado, pensarmos a comunicação como “um movimento de interação (...), muito mais um fluxo do que um sólido” (ROSSETTI, 2007, p. 2), como “antes um *processo*, um acontecimento, um encontro feliz, o momento mágico entre duas intencionalidades” (MARCONDES FILHO, 2004, p. 15), como o “produto de um encontro social” (MARTINO, 2007, p. 14) ou ainda um interagir com o mundo que não pode ser vista ou tratada separadamente da experiência vivida (SANTOS, 2007, p. 12), surgirão dúvidas com relação ao papel da tecnologia como facilitador e/ou fortalecedor do processo comunicativo, já que a interação face a face, a sociabilidade e conseqüentemente os vínculos e relações se alteram e se fragmentam no universo dominado pela técnica.

Wolton (2006, p. 9) acredita que “[...] não é porque o estranho, o outro, se tornou visível que a comunicação e a compreensão mútuas melhoraram”. Na visão de Sfez (2000, p. 21), a técnica se apresenta como um elo que concede referência e unidade à sociedade fragmentada, mas ao mesmo tempo é um “agente de fragmentação” e mesmo de “diluição de laços simbólicos”. Ao que parece, o século XXI veio constatar a ilusão de que “apesar de todo aparato tecnológico, da proximidade virtual, da agilidade dos meios, comunica-se pouco e mal” (GERALDES, 2006, p. 1). Ao que parece, criamos um “Frankenstein tecnológico” que nos ameaça (SFEZ, 2000, p.19).

Sfez (2000, p. 20) chama atenção para um interessante fato. De acordo com o autor, “não se fala tanto de comunicação quanto numa sociedade que não sabe mais comunicar-se consigo mesma, cuja coesão é contestada, cujos valores se desagregam, uma sociedade que símbolos demasiado usados não conseguem mais unificar”. Sendo assim, anunciar-se como “sociedade da comunicação” indica, na realidade, um mal-estar, uma luta “contra o estilhaçamento e a desvinculação” (SFEZ, 2000, p. 71).



Podemos nos questionar sobre o que fica no lugar dos vínculos sociais rompidos pelo afastamento dos indivíduos, pelo não compartilhar do mesmo espaço e tempo. Para Baitello Júnior (2005, p. 4), ficam “os fantasmas dos vínculos. A eles é que damos o nome de incomunicação”. Eis uma incomunicação que surge da falta de interesse no Outro, em um fechamento em si mesmo. “Só uma espécie de reencantamento, por meio da consideração da consciência participativa, da empatia e dos vínculos no processo de comunicação, será capaz de trazer a vida à comunicação” (CONTRERA, 2007, p. 11).

4. Incomunicação: O Reverso da Medalha

Acreditamos que não soa confortável, principalmente para comunicólogos, o termo “incomunicação”, porém, é justamente o desconforto que torna importante um olhar mais aguçado para esse fenômeno.

Apesar de se discutir a partir da era digital, os questionamentos a respeito da incomunicação já estavam presentes no ano de 1975, quando a União Cristã Brasileira de Comunicação realizou encontro cujo tema central era “Incomunicação Social”³.

Baitello Júnior (2005, p. 1) considera que a incomunicação é irmã gêmea da comunicação. Segundo o autor,

quanto mais se aperfeiçoam os recursos, as técnicas e as possibilidades que o homem tem de se comunicar com o mundo, com os outros homens e consigo mesmo, aumenta também, em idêntica proporção, as suas incapacidades, suas lacunas, seu boicote, seus entraves ao mesmo processo, ampliando um território tão antigo quanto esquecido, o território da incomunicação humana (BAITELLO JÚNIOR, 2005, p. 1).

Não é na surdina e nem no silêncio que a irmã indesejada da comunicação age. É “sobretudo nos excessos que ela se faz presente. No excesso de informação, no excesso de tecnologia, no excesso de luz, no excesso de zelo, no excesso de visibilidade, no excesso de ordem” (BAITELLO JÚNIOR, 2005, p. 2).

Evidenciamos, embora de forma sucinta, alguns dos sintomas da sociedade contemporânea, tais como o enclausuramento, o distanciamento, o medo e a criação do “outro” que nos ameaça e do qual temos que nos proteger e ainda o fato das tecnologias

³ Desse Encontro surgiu a publicação “Comunicação/Incomunicação no Brasil”, organizada por José Marques de Melo.



se apresentarem como um falso cenário no qual as relações sociais se reverterem, pois, na realidade, são um forte elemento de fragmentação e quebra de vínculos. Tal situação compromete a comunicação quando pensamos esta como experiência vivida, como relação e de troca e não como transmissão de informação. Diante deste quadro, é a incomunicação que se sobressai.

No entanto, podemos pensar a incomunicação também como um fenômeno resultante de desigualdades sociais e pré-conceitos arraigados e reforçados pelas estruturas de poder, principalmente pela mídia massiva. Fausto Neto (1976, p. 86) entende a incomunicação “como fenômeno resultante das relações assimétricas entre componentes de uma mesma sociedade, posicionados diferentemente, de modo a haver grupos aos quais se permite falar e outros que são obrigados a falar apenas o que lhes é permitido”. Eis aqui, evidenciado, o par visibilidade/invisibilidade. Na invisibilidade (pelo menos da diversidade de seus aspectos), ou no silêncio, estão, por exemplo, a periferia e os que nela vivem. Para Geraldine (2006, p. 5) o silêncio é o símbolo da incomunicação, mas “[...] não o silêncio pacífico do consenso ou tenso do dissenso, mas o silêncio incômodo da palavra negada”.

O excesso de informação como causa da incomunicação é contestada por Fausto Neto (1976). De acordo com o autor,

[...] a incomunicação não é um problema de carência ou excesso de informação. A questão está no posicionamento desigual daqueles que podem anunciar e dos que apenas são convocados a ‘entender’ certos tipos de mensagens elaboradas pelos que produzem, regem e mantêm as relações assimétricas (FAUSTO NETO, 1976, p. 88).

A incomunicação pode, assim, ser pensada de forma mais ampla. Como parte da lógica de um sistema opressor e de uma sociedade dominante com relação à dominada, sociedade na qual a comunicação não passa de um instrumento de manutenção do *status quo*.

Nos interessa agora, discutir o que consideramos ser um exemplo de incomunicação: o discurso da mídia a respeito da periferia. Neste há a prevalência de um estereótipo (periferia como lugar de violência e carência) colocado sob os holofotes em detrimento de um contexto diverso empurrado para a zona de invisibilidade. Nosso olhar, nesse artigo, se volta para as notícias veiculadas pelo jornal Diário do Nordeste e



jornal O Povo, os maiores jornais do Estado do Ceará, sobre o bairro Ellery, localizado na periferia de Fortaleza.

5. Incomunicação Social

Um dos resultados do processo de desenvolvimento que não se propõe a pensar o ser humano e suas necessidades de vida e de qualidade de vida é o surgimento das periferias. Para lá são empurradas as camadas mais pobres da população a fim de se operar uma higienização dos centros das grandes cidades. Esses espaços sociais são comumente definidos como “áreas ou espaços urbanos que, por contarem com infraestrutura social deficiente, convertem-se em locais de residências das camadas mais pobres da estrutura social urbana”. (BRAGA, 2007, p.30; *apud* ABRAMOVAY, 2004, p. 24). Essa visão faz com que a periferia seja pensada e qualificada por aquilo que não tem. “[...] sua referência não é apenas geográfica: além de indicar distância, aponta para aquilo que é precário, carente, desprivilegiado em termos de serviços públicos e infraestrutura urbana” (CALDEIRA, 1984, p. 7).

A importância e o poder de mediação dos meios está presente também na construção da imagem da periferia. De acordo com Melo (2006, p. 2), “no Brasil, a periferia sempre ficou à margem da mídia, relegada à invisibilidade ou tratada de maneira estereotipada”. Ela é, na grande maioria das vezes, o lugar da barbárie, da violência, da desordem, da criminalidade, do caos, da pobreza, enfim, o lugar onde se concentram os males da sociedade. “O cotidiano da periferia não é tematizado, mas sim transformado em espetáculo” (ZANETTI, 2008, p. 3). É lá que está o grande “outro” que nos ameaça, que construímos na doce ilusão de minimizar a insegurança que nos assola, afinal o fato de identifica-lo já nos torna menos impotentes.

“a cidade é uma construção de idéias que se sobrepõe ao espaço físico. (...) Nessa conjuntura, falar em centro e periferia não é falar em espaços apenas mensuráveis em dimensão, condições sócio-econômicas e infra-estrutura, mas é falar na construção das representações sociais quanto à condição periférica” (GAMALHO; HEIDRICH, 2009, p. 2).

O bairro Ellery, localizado na periferia de Fortaleza, recebe por parte da mídia local, esse tratamento estereotipado. O espaço de diversidade cultural e populacional é



relegado à invisibilidade enquanto a violência e falta de infra-estrutura tem lugar garantido, como podemos observar através das notícias aqui analisadas.

No dia 19 de Novembro de 2009 o jornal O Povo veiculou matéria cujo título era: “Loja do bairro Ellery é Assaltada”⁴. Evidenciando sempre a insegurança do bairro, o assalto é narrado: quatro pessoas que se encontravam na loja foram rendidas e trancadas em um galpão nos fundos da loja. Os ladrões, uma mulher e três homens fugiram levando R\$ 20.000,00. A matéria faz uso da fala da dona da loja para reforçar a idéia de medo e violência: “a dona do estabelecimento, que preferiu não se identificar, informou que a rua onde ocorreu o crime está muito perigosa”. Como duvidar dessa realidade, podem pensar os leitores, se é a própria moradora que ressalta a violência do bairro? É interesse de nossa pesquisa de mestrado, que dá os primeiros passos nesse artigo, verificar até que ponto a representação midiática influencia a representação que os próprios moradores constroem de si e do lugar onde vivem e convivem.

Em 23 de Abril de 2009 o foco do jornal (O Povo) foi o alagamento que o bairro sofreu devido a fortes chuvas. Ruas alagadas, danos da defesa civil com relação a desabamentos, incêndios e outras ocorrências e o desespero dos moradores que temem o rompimento de um canal foram a tônica da matéria⁵. Também dentro dessa construção da periferia como um lugar difícil para se viver, está a matéria que evidencia o abandono do Pólo de Lazer da Sargento Hermínio⁶, espaço de preservação ambiental que é utilizado para a prática de caminhada, esportes radicais, lazer e comércio⁷.

Em 23 de Novembro de 2009, o jornal Diário do Nordeste atesta que a “juventude está perdida” na matéria intitulada: “Adolescente Morto a Tiro de Pistola”⁸. É relatado que José Fabrício de Oliveira, de 16 anos, foi morto a tiros, as 15 h, quando comemorava, com amigos, a vitória de seu time, o Ceará. Não há mais hora para a violência na periferia. É o que pode ser lido nas entrelinhas da matéria.

⁴ Disponível em: <http://opovo.uol.com.br/opovo/fortaleza/929716.html>

⁵ Disponível em: <http://opovo.uol.com.br/opovo/fortaleza/872227.html>

⁶ Disponível em: <http://opovo.uol.com.br/opovo/colunas/opovonosbairros/918847.html>

⁷ Aos Domingos o Pólo de Lazer da Sargento Hermínio é tomado por vendedores que montam suas barracas ou estendem uma lona no chão e se dedicam a vender roupas, bebidas, calçados, bijouterias, comida, CD's e DVD's “pirata”, entre outras mercadorias.

⁸ Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=695541>



Considerações (não tão) Finais

Não há como negar a importância das tecnologias nas mais diversas áreas da vida social. Porém, entendemos ser importante refletir um pouco mais sobre nosso processo de convivência com esse mundo guiado pela técnica e sua promessa de solução de todo e qualquer problema como um passe de mágica.

Se pensarmos a comunicação para além dos meios, se voltarmos o foco para o sujeito e não para a técnica, perceberemos que as tecnologias possuem também um aspecto que desagrega, afasta e gera incomunicação ao invés de comunicação. Há um sujeito na ponta do satélite que precisaria, entendemos nós, ser olhado com maior atenção e compreendido a partir de suas necessidades e percepções humanas e não apenas como partícipe da era da tecnologia.

A ode à técnica sedimenta, cada dia mais, a visão mecanicista fruto da modernidade. No mundo cartesiano desencantado parece não haver mais lugar para se pensar a relação da comunicação como comunhão, como experiência de vida e compartilhamento do mundo.

Chegamos à idéia de que a incomunicação não é resultado apenas dos excessos de informações veiculados pelos meios, mas também de uma lógica de exclusão e marginalização de camadas populacionais que não são “boas” o suficiente para o sistema. É nesses espaços de exclusão que o grande “outro” aparece e é lá que deve ficar para que nos sintamos seguros. A mídia tem parcela preponderante na construção e sedimentação deste “outro” e de seu espaço. Ao representar a periferia como lugar apenas de violência e de carência, deixa de comunicar uma realidade que é, na verdade, extremamente rica e plural. Vemos assim que o par visibilidade/invisibilidade pode ser traduzido como comunicação/incomunicação.

Referências Bibliográficas

ALEXANDRE, Marcos. **O Papel da Mídia na Difusão das Representações Sociais**. 2002. Disponível em: <http://www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum17/pdf/opapel.pdf> Acesso em: 11/07/2008.

BAITELLO JÚNIOR, Norval. **As Irmãs Gêmeas: Comunicação e Incomunicação**. In BAITELLO JÚNIOR, Norval; CONTRERA, Malena Segura; MENEZES, José Eugênio de O. (orgs). **Os Meios da Incomunicação**. São Paulo: Annablume; CISC, 2005.



_____. **A Mídia antes da Máquina.** 1999. Disponível em:
<http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/maquina.pdf> Acesso em: 10/04/2010.

_____. **O Olho do Furacão – A Cultura da Imagem e a Crise da Visibilidade.** 2002.
Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/furacao.pdf> Acesso em: 10/04/2010.

_____. **Para que Servem as Imagens Midiáticas? Os Ambientes Culturais da Comunicação, as Motivações da Iconomania, a Cultura da Visualidade e suas Funções.** 2007. Disponível em:
<http://www.cisc.org.br/html/modules/mydownloads/biblioteca/norval/imagensmediaticas.pdf>
Acesso em: 15/03/2010

BRAGA, Robson da Silva. **De Pântano a Planalto: A (re) Elaboração da Imagem do Bairro Pantanal ou Planalto Ayrton Senna pela Perspectiva dos Moradores e do Vídeo Popular da TV Janela.** Monografia, 2007.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **A Política dos Outros: O Cotidiano dos Moradores da Periferia e o que Pensam do Poder e dos Poderosos.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COELHO, Lílian Reichert; JULIÃO Larissa. **Análise da Construção do Discurso Ambiental pela Revista Veja a partir das Capas sobre a Amazônia.** 2002. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2008/resumos/R12-0250-1.pdf>
Acesso em: 06/07/2008

CONTRERA, Malena Segura. **Em Meio ao Desencanto: A Comunicação Fundada no Pensamento Mecânico-Funcional.** 2007. Disponível em:
http://www.compos.org.br/data/biblioteca_220.pdf Acesso em: 12/3/2010.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FAUSTO NETO, Antônio. **Incomunicação Rural: Dependência e Fatalismo.** In MELO, José Marque de. (org.). **Comunicação/Incomunicação no Brasil.** São Paulo: Edições Loyola, 1976.

FERNANDES, Francisco Assis Martins. **O Papel da Mídia na Defesa do Meio Ambiente.** 2001. Disponível em:
<http://www.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/opapelmidia-N2-2001.pdf> Acesso em:
12/08/2008

FRANÇA, Vera Veiga. **O Objeto da Comunicação/ A Comunicação como Objeto.** In FRANÇA, Vera Veiga; HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C. (orgs). **Teorias da Comunicação: conceitos, Escolas e Tendências.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

GAMALHO, Nola Patrícia; HEIDRICH, Álvaro Luís. **Na Periferia das Representações Sociais ou Representações sociais na Periferia: A Multiplicidade Sócio Cultural do Bairro Restinga- POA.** Disponível em: http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER-2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20NolaPatriciaRamalho.EDI.pdf Acesso em: 05/03/2010.



GERALDES, Elen. **A Palavra Negada: A Incomunicação no Site do Programa Fome Zero.** 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1307-1.pdf> Acesso em 10/04/2010

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que Ponto, de Fato, nos Comunicamos?** São Paulo: Paulus, 2004.

MARTINO, Luiz C. **De qual comunicação Estamos Falando?** In FRANÇA, Vera Veiga; HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C. (orgs). **Teorias da Comunicação: conceitos, Escolas e Tendências.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007

MASELLA, Paulo. **Comunicação: Entre o Espaço Visível do Meio Técnico e o Invisível do Acontecimento.** Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_224.pdf Acesso em: 10/04/2010.

MELO, Cristina Teixeira Vieira. **Representações da Periferia e do Centro em Cidade dos Homens.** 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0996-1.pdf> Acesso em: 15/04/2010.

MELO, José Marque de. **Comunicação/Incomunicação no Brasil.** (org.). São Paulo: Edições Loyola, 1976.

MENEZES, José Eugênio de O . **Incomunicação e Mídia.** In BAITELLO JÚNIOR, Norval; CONTRERA, Malena Segura; MENEZES, José Eugênio de O. (orgs). **Os Meios da Incomunicação.** São Paulo: Annablume; CISC, 2005

PERUZZO, Cicília M. Krohling. **Direito à Comunicação Comunitária, Participação Popular e Cidadania.** 2004. Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Direito_%C3%80_Comunica%C3%A7%C3%A3o_Comunit%C3%A1ria,_Participa%C3%A7%C3%A3o_Popular_e_Cidadania. Acesso em: 12/06/2008

_____. **Aproximações entre Comunicação Popular e Comunitária e a Imprensa Alternativa no Brasil na Era do Ciberespaço.** 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0716-1.pdf> Acesso: em 11/12/2008

ROSSETTI, Regina. **A Linguagem como Mediação da Intuição.** 2007. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_225.pdf Acesso em: 10/04/2010.

RÜDIGER, Francisco. **Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade: Adorno e a Escola de Frankfurt.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

SFEZ, Lucien. **Crítica da Comunicação.** São Paulo: Edições Loyola, 2000.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. **O Acontecimento Comunicacional.** 2007. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_226.pdf Acesso em: 10/04/2010.



SANTOS, Maria Salett Tauk. **Inclusão Digital, Inclusão Social? Usos das Tecnologias da Informação e Comunicação nas Culturas Populares**. Recife: Ed. Do autor, 2009.

SHIAVONI, Jaqueline Esther. **Mídia: O Papel das Novas Tecnologias na Sociedade do Conhecimento**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/schiavonijaqueline-midia-papel-das-novas-tecnologias.pdf> Acesso em: 06/07/2008

SILVA, Juremir Machado da. **Depois do Espetáculo (Reflexões sobre a Tese 4 de Guy Debord)**. In GUTFREIND, Cristiane Freitas; SILVA, Juremir Machado da. (orgs.). **Guy Debord: Antes e Depois do Espetáculo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade: Uma Teoria Social da Mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

VIZER, Eduardo A. **Movimentos Sociais: Novas Tecnologias para Novas Militâncias**. In FERREIRA, Jairo; VIZER, Eduardo A. (orgs.). **Mídia e Movimentos Sociais: Linguagens e Coletivos em Ação**. São Paulo: Paulus, 2007.

WOLTON, Dominique. **É Preciso Salvar a Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

ZANETTI, Daniela. **Cenas da Periferia: Representações e Discursos em Produções Audiovisuais “Periféricas”**. 2008. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14458.pdf> Acesso em: 9/02/2010